

MAGSUL



FACULDADES MAGSUL

ELIDA DAIANE OVIEDO AJALA

**HÁ DIFERENÇA PARA O PEDAGOGO (a) NO
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DO 1º ANO DOS
ANOS INICIAIS ENTRE UMA ESCOLA DO CAMPO E
UMA ESCOLA URBANA?**

PONTA PORÃ-MS

2013

MAGSUL



FACULDADES MAGSUL

ELIDA DAIANE OVIEDO AJALA

**HÁ DIFERENÇA PARA O PEDAGOGO (a) NO
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DO 1º ANO DOS
ANOS INICIAIS ENTRE UMA ESCOLA DO CAMPO E
UMA ESCOLA URBANA?**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado às Faculdades Magsul, como parte
dos requisitos para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Ma. Andréa Natália da silva

PONTA PORÃ-MS

2013

HÁ DIFERENÇA PARA O PEDAGOGO (a) NO PROCESSO
DE ALFABETIZAÇÃO DO 1º ANO DOS ANOS INICIAIS
ENTRE UMA ESCOLA DO CAMPO E UMA URBANA?

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado às Faculdades Magsul, como parte
dos requisitos para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Ma. Andréa Natália da Silva

Data de aprovação: 09/12/2013

Local: Faculdades Magsul

Banca Examinadora:

Orientador(a): Professora Ma. Andréa Natália da Silva

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/ UEMS

Membro: Professora Ma. Roseli Áurea

Faculdades Magsul

Membro: Professora Especialista Emne Mourad Boufleur

Faculdades Magsul

Dedico em primeiro lugar a Deus que me brinda cada dia com momentos de glória. Dedico este trabalho a minha família, principalmente a meus pais Ajala e Luciana que devo a vida a eles, a minhas irmãs Liane, Dani, Rose, a minha avó Elida e ao meu noivo Itor, ofereço este presente trabalho a vocês pelo apoio, e serei eternamente grata pelo voto de confiança. Amo vocês!

Agradeço primeiramente a Deus, que atendeu minhas orações em períodos de necessidades de carência, dor e medo de não conseguir. Tenho muito a agradecer a meus pais pelo apoio e pelo entendimento de muitas vezes deixá-los de lado para busca de realização de um sonho. As minhas irmãs que acreditaram em meu potencial, e ao meu noivo pela força. A esses serei eternamente grata.

Mas como não poderia deixar de lembrar de você: Andréa Natália, que sempre foi muito dedicada ao tirar minhas dúvidas, pela paciência na orientação, me levantando para uma nova batalha, deixando muitas vezes sua família e seus problemas de lado para resolver os meus. Agradeço a ti por confiar em mim e me ajudar nos desafios para vencer esta etapa de vida, a você um obrigado mais que especial.

Agradeço a todos os professores do curso, pelo convívio pelo apoio, pela compreensão; vocês foram mais que importante na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

Agradeço a todas as minhas colegas de sala, mas em especial a você Milla Andrielly, que sempre muito dedicada e parceira pode me ajudar nos momentos de fraqueza, obrigada amiga pela sua amizade e companheirismo. E você, Patrícia (Paty), minha fiel companheira, tanto de trabalho como de faculdade, como de vida pessoal, obrigada Paty por ser essa pessoa compreensiva.

Estes são meus agradecimentos a vocês, que de certa forma me ajudaram na conquista de um sonho.

Elida Daiane

SALMO 91

A eternidade de Deus e a transitoriedade do homem

O que habita no esconderijo do altíssimo e descansa na sombra do Onipotente diz ao Senhor: Meu refugio e meu baluarte, Deus meu em quem confio. Pois ele te livrará do laço do passarinho e da peste perniciososa. Cobrir-te-á com as suas penas, e sob suas asas, estarás seguro; a sua verdade é pavês e escudo. Não te assustarás do terror noturno, nem da seta que voa de dia, nem da peste que se propaga nas trevas, nem da mortandade que assola ao meio-dia, caíram mil ao teu lado, e dez mil a tua direita; tu não serás atingido. Somente com os teus olhos contemplarás e verás o castigo dos ímpios. Pois dissestes O Senhor é o meu refúgio. Fizeste do Altíssimo a tua morada, nenhum mal te sucederá, praga nenhuma chegara a tua tenda. Porque os seus anjos dará ordens ao teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos. Eles te sustentaram em suas mãos, para que não tropeçares em nenhuma pedra. Pisasas o leão e a áspide, calçarás ao pés o leãozinho e a serpente. Porque a mim se apegou com amor, eu o livrarei; pô-lo-ei a salvo, porque conhece o meu nome. Ele me invocará, e eu lhe responderei; na angustia eu estarei com ele, livrá-lo-ei o glorificarei. Saciá-lo-ei com longevidade e lhe mostrarei a minha salvação.

RESUMO

RESUMO: Esse resumo apresenta o projeto de pesquisa em desenvolvimento para o TCC das Faculdades Magsul no Curso de Pedagogia. A educação do campo é desvalorizada, sem muitos recursos, muitas vezes sem profissionais habilitados, muitos deles leigos, ainda sem formação pedagógica e universitária. A educação do campo foi criada para atender as necessidades da população que vive no campo assim sendo marcada pela diversidade, tanto cultural quanto econômica. A escolha do tema TCC foi devido a escolaridade em escola do campo e com os seus estágios pode perceber uma nova realidade, as escolas urbanas. Assim surgiu q questão condutora deste TCC: “Há diferenças para o/a pedagogo no processo de alfabetização do 1º ano dos anos iniciais entre uma escola do campo e uma escola urbana?”. Para responder tal questão o objetivo geral desse TCC é “Apontar as diferenças para o/a pedagogo/a no processo de alfabetização do 1º ano dos anos iniciais entre uma escola do campo e uma escola urbana”. Sendo objetivos específicos: refletir se o pedagogo/a esta formado para perceber essas diferenças em um processo de alfabetização do campo e urbano; perceber se o pedagogo/a tem a noção de que não é processo de ensino-aprendizagem; descrever como pedagogos/as percebem as realidades campo e urbano; Compreender o processo de alfabetização das duas realidades escolares. Será que os cursos de pedagogia oferecem informação e formação, para essa realidade escola? E quando oferecem é conhecimento amplo ou superficial? Para quem recebe um convite para lecionar em uma escola do campo? Qual será a iniciativa do/a pedagogo/a? Como se pode trabalhar dentro de uma sala de aula com essa realidade – o campo? Será que os/as pedagogos/as sabem lidar com esta realidade? A metodologia desse trabalho de conclusão de curso será atreves de uma abordagem qualitativa, estudos teóricos de referenciais teóricos sobre o tema, construção de dados por meio de observação através da pesquisa de caso e estudo de dados comparativo entre uma escola do campo e urbana, alem disso recorrerei as entrevistas, analises de documentos, interpretação e reflexões, para possíveis considerações finais.

Palavras chaves: Alfabetização. Educação Campo. Pedagogo/a

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fachada da Escola Estadual João Brambatti Calvoso.....	37
Figura 2 - Fachada da Escola Estadual Nova Itamarati.....	38

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	10
1.1 Uma escolha a Pedagogia.....	10
1.2 Vivências no Campo.....	11
2.PEDAGOGO/A: NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DO 1º ANO DOS ANOS INICIAIS	16
2.1 Educação/Pedagogia/Pedagogo.....	16
2.2 Alfabetização.....	24
2.3 Multiculturalismo/Multiculturalidade.....	25
2.4 Interdisciplinariedade.....	27
2.5 Interculturalidade.....	28
3.ESCOLA DO CAMPO E ESCOLA URBANA: REALIDADES DIFERENTES	30
4. A PESQUISA: UMA ESTUDO DE CASO ENTRE ESCOLA DO CAMPO E ESCOLA URBANA	34
4.1 Caminhos percorridos.....	37
4.2 Perfil dos entrevistados.....	39
4.3 Interpretação de dados coletados.....	39
4.4 Análises das observações.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

Podemos dizer que a Educação do Campo é desvalorizada, sem muitos recursos, muitas vezes sem profissionais habilitados, muitos deles leigos, ainda sem formação pedagógica e universitária.

A Educação do Campo foi criada para atender as necessidades da população que vive no campo, assim sendo marcada pela diversidade, tanto cultural quanto econômica.

Após leitura de um artigo tomei conhecimento sobre os dados da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC), que apenas 24% dos professores que dão aula no campo em anos iniciais do ensino fundamental tem curso superior, e ainda segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) dos analfabetos brasileiros que somam no total de 9,6 milhões de pessoas, 40% estão no campo. (Brasil, 2010).

A educação urbana vem recebendo mais a atenção do que as escolas do campo, por este fato muitas famílias acabam indo morar nas cidades, assim deixando o campo e muitas vezes indo para periferias das cidades para tentar uma vida melhor e conseguir uma boa educação para seus filhos.

1.1 Uma escolha a pedagogia

Quando optei por pedagogia, pensei que esse curso universitário iria me proporcionar vários campos de atuação. Mas, quando recebi o resultado das provas do primeiro semestre de pedagogia, resolvi desistir, pois minhas notas foram péssimas devido ao mau desempenho dentro da sala de aula, e também pelo fato de não conseguir apresentar trabalhos.

Certo dia eu fui decidida para o trabalho que iria parar com os estudos e que aquilo não era para mim, chegada a noite fui então para o meu “último dia de aula”, a primeira aula era com a professora Andréa Natália, ela disse uma mensagem para quem estava pensando em desistir, disse que no começo tudo era difícil, mas que logo passava,

e ainda complementou: “acho que foi Deus quem pediu para que eu dissesse essas palavras”, foi pelo que ela disse, e também pelo apoio de meus pais que hoje estou em meu último ano do meu curso superior, querendo me dedicar o máximo, e com o objetivo de vencer na vida.

Já trabalho na área da educação desde o primeiro ano de faculdade e considero isso maravilhoso, pois o que estou aprendendo estou colocando em prática. Estou encantada com a profissão.

1.2 Vivências no Campo

Comecei a estudar aos seis anos de idade, começando pela primeira série, na escola Estadual Fernando Capiberibe Saldanha, nessa escola permaneci até a segunda série.

Em meu primeiro dia de aula, não chorei, mas me senti mal rodeada de pessoas desconhecidas. Quando a professora foi fazer a chamada me disseram que tinha de responder presente, logo achei que realmente ganharia tal.

Desde o começo, sempre tive muita dificuldade em aprender, tanto é que as professoras sempre chamavam minha mãe na escola para dizer que eu estava precisando de tratamento. Mamãe sempre me levava ao psicólogo, mas minha timidez atrapalhava muito meu desempenho.

Na terceira série fui transferida para a escola Pólo Municipal Rural Osvaldo de Almeida Mattos, em Cabeceira do Apa. Ao chegar à escola não gostei muito, pois era acostumada com a cidade e era um lugar muito isolado. Devido à escola ser muito longe passava mais tempo no ônibus do que na sala de aula. Essa escola por ser rural, era muito diferente das escolas da cidade, tudo tinha de ser dentro das normas.

Porém a escola era muito pequena, devido a isso algumas salas era em barracão, no começo eu estudava em um desses, era em um barracão fechado sem ventilação, não tinha piso, nesse barracão conheci Miriam, minha professora. Ao passar para a quarta série felizmente passei a estudar na escola mesmo, dentro de uma sala de aula adequada, Miriam continuou sendo minha professora. Neste ano a escola começou a ser ampliada,

ao lado de minha sala havia uma bela horta, da qual teve de ser destruída para a construção de novas salas.

Na quinta série passei para o ensino fundamental, conheci Valdecir, um ótimo professor de matemática, e Eneida uma das melhores professoras de história, uma das professoras que mais me marcou, certo dia ela pediu para que todos levassem um caderno para ser encapado dentro da sala de aula com dobraduras, porém o meu ela levou pronto na capa continha uma linda flor em dobradura, usei o caderno quase todo o ano o que no final quando a flor se rasgou abri para perceber como era feita, dentro dela a professora tinha escrito uma linda mensagem para mim, que eu era uma das melhores alunas que ela já tinha conhecido o que para mim foi uma alegria, pois nunca fui a melhor aluna da sala nem aquela que tirava notas altas e dentre tantas a querida professora se identificou comigo, o que para mim foi um incentivo.

Em 2007 passei para o ensino médio, estudando na mesma escola, porém à noite, somente o nome mudou chamando-se Joaquim Murtinho – Extensão Cabeceira do Apa, com a mesma direção do Joaquim Murtinho de Ponta Porã.

Primeiro ano do ensino médio, um orgulho. Mas os estudos cada vez se complicavam mais, os professores exigiam mais dos alunos. Por estudar a noite e morar muito longe, todos os alunos assistiam somente as quatro aulas, o correto deveria assistir cinco, por esse motivo, fazíamos projeto para repor a quinta aula.

Um desses projetos foi relacionado à família, que tínhamos de contar tudo sobre nossa vida. No final do projeto tínhamos que escolher um representante da turma para falar à escola sobre seus objetivos, então a escolhida fui eu, fiquei extremamente nervosa, pois tenho muita dificuldade de me expressar em público, tinha apenas um mês para estudar a apresentação, me dediquei o máximo que pude, estudando dia e noite. Chegou o dia tão esperado; a apresentação, minhas mãos suavam, mas cheguei, peguei o microfone, olhei para a plateia, e arrasei porém todos achavam que eu não iria conseguir, mas no final todos se surpreenderam. Venci um grande obstáculo em minha vida.

Em minha formatura pude compartilhar um momento lindo de minha vida, com muita felicidade de ter chegado aonde cheguei, querendo cada vez, mas mostrar que sou capaz de seguir mudando, pois tudo isso não passava de um grande começo para uma longa história, e para isso tenho como principal fonte de conhecimentos, saberes e perseverança minha família que considero o meu tudo.

A escolha do tema de Trabalho de Conclusão de Curso- TCC foi devido toda minha escolaridade ser escola do campo e com os meus estágios pude perceber uma nova realidade, as escolas urbanas. Assim surgiu a questão condutora desse TCC: *“Há diferenças para o/a pedagogo/a no processo de alfabetização do 1º ano dos anos iniciais entre uma escola do campo e uma escola urbana?”*.

Para responder tal questão o objetivo geral desse TCC é “Apontar as diferenças para o/a pedagogo/a no processo de alfabetização do 1º ano dos anos iniciais entre uma escola do campo e uma escola urbana”.

Sendo objetivos específicos: refletir se o pedagogo/a esta formado para perceber as diferenças em processo de alfabetização do campo e urbano; perceber se o/a pedagogo/a tem a noção de que não é processo igual de ensino- aprendizagem; descrever como pedagogos/as percebem as realidades campo e urbano; Compreender o processo de alfabetização das duas realidades escolares.

O TCC se justifica porque muitas vezes não se percebe como a educação do campo é desacreditada, muitos pedagogos/as não percebem que esse ensino do campo exige saberes diferente.

Será que o curso de pedagogia oferece informação e formação, para essa realidade escolar? E quando oferece é conhecimento amplo ou superficial para que receba um convite para lecionar em uma escola do campo? Qual será a iniciativa do/a pedagogo/a? Como se pode trabalhar dentro de uma sala como essa realidade - o campo? Será que os/as pedagogos/ sabem lidar com esta realidade? O curso mostra essas realidades para os acadêmicos, pois não existem somente escolas em cidades, mas no campo, na periferia, nas favelas e elas alunos com necessidade de aprender, com sonhos e com objetivos em suas vidas.

A metodologia desse trabalho de conclusão de curso foi através de uma abordagem qualitativa, estudo teórico, de referenciais teóricos sobre o tema, construção de dados por meio de observações através da pesquisa de caso e estudo de caso comparativo entre escola urbana e do campo, além disso recorri às entrevistas, análises, interpretações e reflexões, para possíveis considerações finais. Sabe-se que a pesquisa está sendo cada vez mais elaborada nos cursos de graduação.

Muitos professores acham que consultar um livro fazer recorte de revista já estão pesquisando, mas de acordo com Ludke e André (1986) isso seria uma consulta, para as autoras, realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as

evidências, as informações construídas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele.

Para a construção de dados realizei a observação que é uma técnica de “coleta” de dados para obter informações, o que não significa apenas ouvir e ver, mas também em examinar fatos e ferramentas importantes para estudo. Planejar a observação significa determinar com antecedência “o que” e “como” observar. (LUDKE, ANDRÉ 1986, p. 25), assim antes de realizarmos a observação devemos nos preparar e é fundamental também prepararmos o ambiente onde será realizada a pesquisa. Com tudo observarei o trabalho das professoras (o) do primeiro ano do ensino fundamental durante sete meses.

A observação de acordo com Ludke e André (1986) ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional, usada como principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado. Considero fundamental estar em contato direto com o material a ser pesquisado, só assim poderemos obter informações necessárias. As observações foram importantes para descrever como os professores do campo trabalham a alfabetização se estão preparados e formados para lidar com esta realidade, saber se há diferença no processo de alfabetização de cada escola.

Utilizei a entrevista para construir os dados para análise final, segundo Ludke e André (1986) , a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, assim me possibilitara compreender um pouco sobre o pensar de cada professor. Também analisei os documentos escolares e a história de cada escola por meio das Propostas Pedagógicas das escolas, a formação dos professores. Segundo Lüdke e André (1986) a análise documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse, assim utilizarei o que será importante para demonstrar o resultado obtido sobre minha pesquisa.

Na 2ª seção apresento *Pedagogo/a: no processo de alfabetização do 1º ano dos anos iniciais*, utilizarei este método para que possamos compreender um pouco mais sobre a educação em nosso município, de como a pedagogia habilita o pedagogo para lidar em salas de aulas multiculturais e como podemos lidar com a interculturalidade e a interdisciplinaridade na alfabetização de alunos do 1º ano do ensino fundamental.

Na 3ª seção *Escola do campo e escola urbana: realidades diferentes*; apresentarei as duas realidades, assim distinguindo todas as escolas e apresentando os seus principais aspectos, podendo compreender como o professor realiza seu trabalho, como é o seu

processo de alfabetização, como é uma sala de 1º ano em uma escola do campo e uma escola rural.

Na 4ª seção trago os resultados obtidos na presente pesquisa, os dados analisados, desde histórias e entrevistas com principais personagens para que haja a resposta para minha pergunta norteadora: Há diferença para o pedagogo (a) no processo de alfabetização do 1º ano dos anos iniciais entre uma escola do campo e uma urbana?

2. PEDAGOGO/A: NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DO 1º ANO DOS ANOS INICIAIS

Nesta seção falarei um pouco sobre o papel do pedagogo frente o multiculturalismo, e como trabalha no processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental.

2.1 Educação/Pedagogia/Pedagogo

A educação é um fato social que é transmitido de uma geração mais velha para uma mais nova, para assim dar-se continuidade a uma historia.

Temos nossa cultura nossa educação recebida de nossos pais diferente da educação dos outros. Recebemos educação em todo lugar. Segundo Brandão (2007) “ninguém escapa da educação, em casa na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nos envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar”.

Existem vários tipos de educação e cada uma atende ao seu modelo de educação recebida. Para a educação tribal deve-se considerar igualitária, mas nós já somos desiguais, Brandão (2007).

Antes a educação era dividida, onde nobres recebiam educação de pedagogos e os escravos onde recebiam a educação somente em casa de seus familiares. Os pedagogos eram aqueles que levavam os nobres para a escola e também os ensinavam eram os educadores. Logo depois surge a escola primaria onde aprendiam as primeiras letras.

Em mundos diversos a educação existe diferente: em pequenas sociedades tribais de povos caçadores, agricultores ou pastores nômades em sociedades camponesas, em países desenvolvidos e industrializados: em mundos sociais sem classe, de classes, com este ou aquele tipo de conflito em as suas classes; em tipos de sociedades e cultura sem Estado, com um estado em formação entre as pessoas. (BRANDÃO, 2007, p. 9)

A educação faz parte da sociedade assim como a sociedade faz parte da educação. A educação é capaz de construir uma sociedade digna de direito, deveres respeito e igualdade. Segundo Brandão (2007), a educação é uma prática social, então podemos dizer que a educação é um direito de toda sociedade, assim a educação por sua vez busca a melhoria da qualidade de vida de toda população. A educação procura adaptar a sociedade para um mundo de mudanças, ela é capaz de transformar uma sociedade, então se temos uma boa educação e passamos isso para a sociedade acabamos que transformando indivíduos que colaborem e aceitem uma nova vida.

O homem é capaz de transformar, mas também destruir uma sociedade a educação, assim esta disposta a transformar o pensamento do homem, para que assim haja um pensamento positivo da melhoria de vida da sociedade.

Diante de problemas sociais, políticos e da própria educação brasileira, possuímos uma gama de cidadãos capazes e competentes para racionar de forma educada e eficaz sobre diversas situações.

Não basta simplesmente construir escolas, é preciso atenção, cuidados com os alunos, iniciando a carreira estudantil, partindo dos níveis infantis, enfim, educar para a cidadania.

Cada indivíduo na sociedade exerce seu papel, por tanto todos são atuantes no mundo social, as normas, as regras, as etiquetas e até mesmo no modo como se dirige à palavra a outra pessoa, são corpos em constante movimentação no universo, porém sempre existe um grupo predominante e nem sempre a maioria que determina as regras a serem seguidas, ditam seus padrões de cultura e comportamento. Tudo bem esquematizado e organizado para que funcione em perfeita harmonia, a elite exerce seu poder e influência sobre os dominados, muitas vezes havendo confronto entre os grupos sociais, porém torna-se cada vez mais difícil ver-se livre do estigma inviolável de pertencer ao grupo dominado e durante séculos de História vê-se um grupo se sobrepondo ao outro. (Brandão, 2007).

A sociedade é formada por indivíduos que necessitam de cultura de saber e de regras assim por sua vez a educação nos fornece muitos aprendizados muitos saberes.

A sociedade é bastante diversificada, e não podemos esconder isso e também não podemos ser todos iguais receber as mesmas culturas ter pensamentos iguais assim a

educação nos vem a ensinar o porquê de uma sociedade diferente, nos traz o significado de cultura. A educação procura adaptar a sociedade para um mundo de mudanças.

Na verdade, quem descobriu que na prática o “fim da educação” são os interesses da sociedade, ou de grupos sociais determinados, através do saber que forma a consciência que pensa o mundo e qualifica o trabalho do homem educado, não foram filósofos do passado ou cientistas sociais de hoje. (BRANDÃO, 2007, p. 67)

Ser educador é ter ética, isso se faz necessário na sociedade em que vivemos.

A escola deve ser inclusiva, deve transformar o educando em ser crítico e fazê-lo compreender que ele é capaz de mudar trajetória de sua própria vida e ter a compreensão de sua observância para que o mesmo venha configurar na mais absoluta relevância de seu caráter e membro atuante de seu próprio destino.

Para se tiver uma boa educação é necessário termos uma formação pedagógica de qualidade, e para isso em primeiro momento podemos entender e ter conhecimento de como surgiu a pedagogia.

Segundo Ghiraldelli (2006):

Paidagogia designava, na Grécia antiga, o acompanhamento e a vigilância do jovem. O *Paidagogo* (o condutor da criança) era o escravo cujo atividade específica consistia em guiar as crianças à escola, seja na *didascaléia*, onde recebiam as primeiras letras, seja o *gymnásion*, local de cultivo do corpo. (GHIRALDELLI 2006, p. 2).

Ou seja, designava-se a esses o poder de transmitir conhecimentos. Cultivar a sabedoria para que seja passada para os jovens.

Durkheim apud Ghiraldelli (2006, p. 8) conceituou educação que para ele é um fato de transmitir conhecimentos, cultura, de uma era a outra. A pedagogia é a ciência do ensino da qual caminha junto com a filosofia, sociologia e psicologia da educação. É uma forma de ter conhecimento sobre os processos de desenvolvimento de ensino e de aprendizagem.

No século XVI podemos perceber a pedagogia das crianças modernas, os comportamentos das crianças e dos pais começam a mudar. Na escola a criança passa a ser vista como criança, tendo assim seu espaço e podendo utilizar sua criatividade o seu principal instrumento.

Michel Montaigne apud Ghiraldelli (2006, p.10), era contra a paparicação entre pais e filhos, para ele quando se abraça e beija o filho ira ter vontade de conhecer outro mundo, o mundo do adulto, o que para ele cada fase é única e a criança deve aproveitar sua fase.

A pedagogia, como conhecemos hoje possui suas características básicas estabelecidas com o advento do mundo moderno. Fundamentalmente, ela se define a partir dessa noção essencialmente moderna que é a infância. Isto é a pedagogia, ou melhor, , é cadautária de dois modos de pensar e compreender a criança cujas origens encontram-se nos séculos XVI, XVII e XVIII. (GHIRALDELLI, 2006 p. 10).

Onde para Ghiraldelli (2006), no século XVI, começa a mudar o comportamento entre pais e filhos, começam a entender q crianças são diferentes dos adultos, e por isso devem receber tratamentos diferenciados.

Podemos compreender que a escola deve ser adaptada para a criança, lembrado que o espaço será sua segunda casa, mas o seu espaço de aprendizagem.

Quando se inicia o século XX, a escola torna-se de direito o lugar da infância, mas não o seu lugar de fato. Então, a separação entre o mundo da criança e o mundo do trabalho, que parecia estar na base da modernidade q que havia conquistado a consciência científica e democrática, torna-se um problema. E a pedagogia manifesta-se por meio de uma nova linguagem: a “escola está separada da vida”, esta “apartada da realidade”. (GHIRALDELLI, 2006 p. 13)

Rousseau apud Ghiraldelli (2006, p.11) vê a infância como período de aproveitar de brincar, muitas escolas já pensa em ensinar para o futuro para o trabalho, não é a favor disso e sim de aproveitar a infância que para ele a melhor fase.

O mundo em que a criança vive deve ser reorganizado, adaptado com o nosso mundo e principalmente com o nosso lar, assim evitando ocorrer interferências, ela deve estar preparada para conhecimentos futuros.

A pedagogia após muitos estudos ela tem por finalidade educar, ensinar, passar conhecimentos. A escola não é só um lugar para fazer a criança ouvir, e sim também falar, agir expressar suas opiniões, deixar a criança se manifestar usufruir de sua criatividade, para com isso devemos conhecer cada criança, o que para Ghiraldelli (2006),

a pedagogia precisa realmente colocar a mão na massa, isto é, ir até o campo no qual a relação ensino aprendizagem deve ocorrer, envolvendo assim crianças de carne e osso.

O que é pedagogia? A modernidade reconstrói a termo na medida em que o associa à utopia educacional à ciência da educação e à filosofia da educação, deixando no passado as conotações ligadas às ideias de “condução da criança” e de “preceptorado”, mais afinadas com sua origem. Os tempos modernos secundarizam a noção de pedagogia como mera atividade prática, o “tomar conta das crianças”, privilegiando a aceção enquanto indicadora de um programa enquanto um conhecimento específico, um saber complexo a respeito da educação das crianças, da formação delas e dos adultos e das relações disso com a vida social em geral. (GHIRALDELLI, 2006, p. 39).

Ghiraldelli (2006), afirma que a pedagogia esta conexa ao sujeito, de modo que a subjetividade cria um campo de inquietação, o qual põe em crise a própria educação.

Assim o papel do pedagogo tem por finalidade ajudar a escola escolher a melhor forma de o aluno obter conhecimento e acompanhar a metodologia de ensino, encontrar metodologias adequadas para que o aluno amplie seu aproveitamento na jornada escolar.

O pedagogo hoje tem muito a contribuir na organização do espaço pedagógico, é um educador, onde dever fazer do espaço da escola um espaço de conquistas e de construções coletivas, e tem uma função importantíssima no processo da aprendizagem, visto que é um especialista em educação, portanto deve ler estudar, escrever articular teoria e prática. Deve contribuir para que o espaço escolar seja um espaço onde haja disciplina, a ética e cidadania.

Ser pedagogo na região de fronteira não é tarefa fácil, requer preparo por parte do professor, uma vez que para lidar com as adversidades é necessário compreender como elas se manifestam e em que contexto. Entretanto o professor que acolhe seus alunos, sendo um professor reflexivo que percebe e respeita as diferenças de cada um, constrói um ambiente de igualdade, sem fronteiras e propicia uma segurança que refletirá em um melhor e maior aprendizado.

Uma educação sem fronteiras e que trabalhe no sentido de mitigar as diferenças existentes. Para isso torna-se necessário obter os conhecimentos sobre as disciplinas: Historia da Educação, não se trata apenas de uma disciplina, mas sim um importante recorde da realidade. Pesquisar sobre e como vem evoluindo é de extrema importância.

Portanto, segundo Aranha (2008) não se trata apenas de uma disciplina escolar chamada história da educação, mas igualmente da abordagem científica de um importante recorte da realidade.

A disciplina Antropologia contribui para que o pedagogo possa ter conhecimento do homem e sua cultura. Devemos saber um pouco mais sobre nosso passado saber qual é nossa origem.

As inter-relações entre culturas e personalidade constituem aspectos que abre a análise antropológica um novo campo de investigação. O indivíduo não é visto como um simples receptor e portador de cultura, mas como um agente de mudança cultural, desempenhando papel dinâmico e inovador (MARCONI, 2005, p. 7).

Como vivemos em um mundo onde a diversidade cultural é grande, podemos perceber as relações entre elas assim como podemos realizar a troca de culturas, de saberes.

Para compreendermos o papel do pedagogo na alfabetização dos anos iniciais do ensino fundamental é necessário termos em vistas algumas disciplinas que nos habilita para compreensão desse universo alfabetizador.

A disciplina de Desenvolvimento da Expressão Escrita foi de extrema importância para a elaboração do presente trabalho, pois através dela podemos saber como colocar as ideias e as pesquisas levantadas no corpo do trabalho, para um melhor entendimento. Assim nos possibilita a aprender os diferentes procedimentos da leitura, ler, interpretar, identificar gêneros e tipologias, produzir textos dentro das especificações exigidas.

A linguagem cria para nós, mais do que o presente, uma natureza apta a explicar o passado, a encaixar o futuro. Essa dinamicidade, essa capacidade de mudar segundo o sentido de seu intérprete e da situação em que este se situe, conduz à conclusão de que não existem obras acabadas, que toda obra está aberta, ou seja, sempre está por fazer-se. Nesse sentido, o valor da palavra como realização da própria história, e como antropomorfiza cão do próprio homem. (FAZENDA, 2008, p. 53).

Devemos estar dispostos a mudanças, para melhorar sempre, temos que ter em mente que educação não é algo acabado e sim que podemos sempre estar aprimorando nossos conhecimentos.

Filosofia da Educação é uma disciplina que nos remete a levantarmos questionamentos, pois nos leva a questionarmos sobre a vida. Portanto segundo Aranha, (2006), a educação não é a simples transmissão da herança dos antepassados para as novas gerações, mas o processo pelo qual também se torna possível a gestação do novo e a ruptura do velho.

Metodologia da Alfabetização apresenta para os alunos uma tarefa diversificada de gêneros literários e vários tipos de textuais, com as mesmas características, dentro de cada gênero. Devemos ensinar nossos alunos não só a ler mais sim saber interpretar o que esta lendo, estimular os alunos pelo gosto da leitura.

O professor deve preparar seus alunos para a sociedade, assim sendo trabalhados os diversos tipos de culturas dentro da sala de aula, pois na sociedade eles não encontraram somente uma ou outra cultura e sim diversas.

Para Silva (1995) muitas escolas ainda se tem um currículo onde os alunos não tem vez e nem voz, o professor passa no quadro seu conteúdo, explica e os alunos simplesmente copiam só se tem voz quando por vez terminam e de recompensa ganham a hora de conversar de expor seus pensamentos, interagir com seus colegas, para esse tipo de professor o interesse dele é só passar o conteúdo e dos alunos somente receber, assim tendo mais preocupação com seu salário estando ali só para ganhar seu dinheiro e não se importando com o aprendizado de seus alunos, assim sendo considerando uma alienado.

Quando um professor realiza seu plano de aula deve-se pensar antes em seus alunos, em especial conhecê-los, saber quem são, e de suas historias, para que assim não deixe a cultura de nenhum deles ser silenciada.

A escola deve ter um currículo onde possam ajudar sua clientela, pensando assim em seu presente e futuro, não pensar somente nas matérias a serem aplicadas e sim como deve ser aplicado. Um exemplo que Silva (1995) cita é quando falamos da nação do Estado Espanhol, mas só a sua denominação não é suficiente, não somos capazes de explicar suas culturas o modo de vida da região, isso é trabalhar cultura. Quando alunos “atacam” seus colegas com apelidos ofensivos para sua cultura, é por que muitas vezes não tiveram a oportunidade de conhecer a cultura do outro, podem ser silenciadas,

desconhecidas, daí a importância do papel do pedagogo frente à diversidade, poder, ou ao menos tentar mudar esta realidade.

O pedagogo fronteiriço deve antes de tudo conhecer-se e aceitar sua própria identidade para então valorizar o outro.

O que mais ouvimos hoje em dia é sobre a diferença cultural, estamos a par de que devemos mudar nosso ponto de vista, dar mais atenção as etnias que não são valorizadas, esquecidas, desconhecidas, devemos então valorizá-las, respeitá-las, assim como queremos que respeite a nossa. Quando trabalhamos as diferenças dentro da sala de aula, e se soubermos trabalhar a aula pode se tornar muito mais prazerosa, assim trazendo o cotidiano dos alunos para dentro da sala de aula, realizando assim uma troca de saber de experiências.

Sem dúvida, a reflexão sobre o verdadeiro significado das diferentes culturas das raças ou etnias é uma das importantes lacunas que ainda existem. É precisamente em momentos como os atuais, em que surgem problemas devido a que raças e etnias diferentes tratam de compartilhar ou utilizar um mesmo território, que esse vazio mais se deixa sentir. E é também a instituição escolar o lugar no qual a carência de experiências e reflexões sobre uma educação anti-racista e programas plurilinguísticos se deixa notar de forma visível.(SILVA, 1995, p. 167)

Cada um de nós temos nossa maneira de pensar de agir, de ser, e devemos valorizá-las e mostrá-las para que possamos dar continuidade a nossa cultura em seus traços, não deixar que se percam. Somos diferentes sim, mas devemos pensar que nossa cultura não é superior ou inferior a nenhuma outra, lógico que cada uma tem seus aspectos, mas não é por isso que devemos discriminar uma nem outra assim são comuns vemos em livros didáticos onde só citam as classes maiores, e deixam esquecidos os povos, como ciganos, que, por exemplo, são taxados como ladrão por natureza, os indígenas, que são reconhecidos como preguiçosos que só querem tirar coisas dos outros, e também os negros que são considerados como os sem saber, e nas minorias de vezes que são lembrados é pelas desgraças ocorridas em suas vidas passadas, e por que não explicar seus costumes, seu cotidiano, sua vida como ela é?

Portanto quando temos uma educação de qualidade podemos transformar cidadãos que estejam dispostos a melhorar a qualidade de vida de nossa sociedade. Assim faz se necessário a boa formação de pedagogos em nossa região para que haja um bom atendimento a população que vive em nossa fronteira.

2.2 Alfabetização

Entender a alfabetização seus tipos e formas são necessários para compreendermos a educação em si, e o principal o papel do pedagogo frente a isso.

Alfabetização consiste no modo de compreender o mundo de maneira diferenciada. Requer força de vontade, e acima de tudo gosto pelo que se faz, para que ocorra um bom trabalho e reconhecimento profissional. Consiste não apenas em ensinar teorias da língua portuguesa, mas acima de tudo ensina-los o respeito pelo próximo, os valores culturais, ou seja, prepara-los para a sociedade multicultural.

Devemos destaca a importância sobre a alfabetização, que sempre deve ser em um contexto, onde haja a estimulação, assim nota-se uma grande importância em ensina-los de acordo com o meio em que nossos alunos estão inseridos, de acordo com a sua realidade. Destacando a alfabetização do campo que deve ser de acordo com o dia-a-dia dos aprendizes, assim os exemplos citados para auxílio na alfabetização devem ser de acordo com a sua realidade, assim citar palavras de animais, objetos que sejam pertencentes no seu cotidiano, tais como, cavalo, galinha, carroça, assim como também na cidade deve conter auxílios de sua realidade, coisas que eles conheçam isso auxilia e muito a aprendizagem da criança.

Podemos perceber o aumento de procura para matrícula nos anos iniciais do ensino fundamental, e na maioria das vezes na faixa etária correta, o que antes muitos deixavam o estudo de lado para se dedicar ao trabalho e quando começavam seus estudos eram mais tarde e já não se existia tanta facilidade em aprender por isso muitos deles deixavam de lado os estudos para se dedicar ao trabalho.

Para Soares (2007) o processo de alfabetização não é somente o processo de leitura e escrita, alfabetizar significa entender, interpretar aquilo que se leu e escreveu, ou seja, codificar aquilo que lhe foi escrito através da leitura, assim requer o conhecimento das vogais, dos alfabetos, para então aprender a linguagem escrita.

As diferenças *estruturais* entre o dialeto padrão e os dialetos não-padrão têm sido intensamente apontadas como causa do fracasso escolar das crianças pertencentes às camadas populares, falantes daqueles

dialetos não-padrão. Certamente não se pode negar essa explicação, que já tem sido comprovada empiricamente. Entretanto, na linha de raciocínio que se vem desenvolvendo nessa exposição, devem ser consideradas, além das diferenças de *forma*, também as diferenças de *função*.(SOARES, 2003, p. 67).

Quando a criança aprende a pronunciar as palavras corretamente terá mais facilidade na linguagem escrita.

Segundo Soares (2007), podemos perceber que a criança de classe favorecida começa a ser alfabetizada mais cedo, devido o fato de estar sempre em contato com o mundo oral, são eles que muitas vezes recebe a conto de histórias pelos familiares, o que podemos dizer como um grande incentivo para o interesse à leitura. Enquanto isso nas classes menos favorecidas, onde pai e mãe muitas vezes trabalham, acabam deixando de lado esse momento com seus filhos, acostumam falar com um vocabulário diferente, isso sem contar nas diferenças de escolas onde classes favorecidas na maior parte são escolas particulares onde o ensino é “melhor”, ou seja, mais cobrado, do que em escolas públicas onde as classes menos favorecidas matriculam seus filhos.

Quando dizemos que a criança é alfabetizada não significa que seja letrada, alfabetizar consiste em ler e escrever, alfabetizar letrado significa ensinar mediante a sua realidade na sociedade em que vive, pode dizer que o letramento é algo informal, onde as crianças aprendem no meio que vive, com seus familiares, por isso a maioria destas já vão para a escola com alguns conhecimentos obtidos perante a informalidade.

2.3 Multiculturalismo/Multiculturalidade

Vivemos em um mundo onde a diferença é constante, entre costumes, raças, cor, saber cultura e religião. Estamos vivendo em uma era globalizada onde de certa forma as culturas estão se misturando, e assim permanecemos o que nossos pais e familiares nos passaram e acabamos recebendo um pouco de outras culturas.

Onde estamos vivendo, podemos considerar que tudo acaba e inclusive tudo um dia morre a não ser nossa cultura da qual herdamos.

Podemos perceber que a cultura é um extenso e contínuo processo de seleção e filtragem de conhecimentos e experiências, não somente de um só indivíduo, mas sobre tudo de um grupo social; no entanto, cada grupo distingue-se por uma determinada cultura, com características próprias. (MACHADO, 2002, p. 11)

Cada cultura contém sua característica própria, seu modo de agir seus costumes, podemos então considerar que isso não vem somente de uma pessoa, mas sim de uma sociedade. Podemos então dizer que todo nosso conhecimento nosso saber é decorrente de experiências vividas o que podemos filtrar coisas que para nós são consideradas boas e repassar.

Pensar sobre multiculturalismo é pensar sobre a pluralidade de sujeitos que coexistem em nossa realidade plural e desigual. É pensar em crianças e adultos que moram em condomínios de luxo, em favelas, nas ruas, no campo, nas cidades, em tribos. É pensar em crianças negras, brancas, mestiças, indígenas, meninas, meninos, crianças com necessidades especiais, pobres, ricos.

Ao nos referirmos à palavra cultura podemos dizer que a recebemos de nossos antepassados, mas acumulo não é somente o acumulo de conhecimento obtido por eles, pois recebemos e estamos, pois recebemos e estamos frequentemente acrescentando ou retirando algo, segundo Machado (2002), uma mudança no ambiente produz uma mudança no comportamento humano. Podemos dizer que o aprendizado é mais significativo quando trazemos a realidade do aluno para dentro da sala de aula, mas imagine só uma sala repleta de alunos sendo a maioria de classe média alta e a minoria de classe média baixa, pois toda sala é sim diversificada, nunca encontraremos uma sala onde sejam todos iguais, cada um possui sua cultura o seu ponto de vista, seu modo de aprender, assim o professor por sua vez tenta encaixar um exemplo do cotidiano aplicado assim para que a aprendizagem se torne significativa; qual exemplo usar? Garantimos que a maioria dos profissionais não leva isso em conta. A aprendizagem depende do ensino e o ensino depende do professor, então o professor deve levar em conta e serem mais comprometido com os seus deveres, para que assim possam melhorar a qualidade de ensino.

Muitos se questionam em como podemos melhorar nossa educação? Segundo Machado (2002), a melhor iniciativa é começarmos a formar professores competentes que queiram começar com uma melhora educacional, assim ensinando o que se deve ensinar aprendizagem significativa e o principal, prazerosa onde haja a participação de

todos dentro da sala de aula e que não haja a exclusão de nossa sociedade, porque devemos entendê-la, pois fazemos parte dela.

Assim, afirmar que nossa realidade é marcada por uma diversidade cultural significa reconhecer a pluralidade de grupos sociais, étnicos e culturais que a compõem. Significa, também valorizar a riqueza que essa heterogeneidade traz à sociedade e rejeita quaisquer mecanismo discriminatórios contra grupos que se manifestem em seu interior. (MACHADO, 2002, p. 31)

Cada um de nos pertencemos a certa cultura, cada uma como seus aspectos diferentes. No mundo em que vivemos e principalmente em nossa região fronteira podemos encontrar uma diversidade de culturas muito grande, pois não só encontramos brasileiros e sim pessoas de outras regiões de outros países de outros estados, o que nos faz compreender não só nossa cultura como a do próximo.

2.4 Interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade para Fazenda (2002) não se ensina, não se aprende apenas vive-se. E é vivendo que se ensina e aprende.

O termo interdisciplinar não possui ainda um sentido único e estável. Trata-se de um neologismo cuja significação nem sempre é a mesma e cujo papel nem sempre é compreendido da mesma forma. (FAZENDA, 2002, p 25)

A interdisciplinaridade é muito pronunciada dentro das escolas, mas a maioria dos educadores não sabem o que é isto. Assim devem-se montar projetos que melhore diálogo entre os educadores a troca de conhecimentos o aceitarem o que o outro pensa, assim ajudara um ao outro na troca de saber, na troca de conhecimentos.

Ser interdisciplinar é conhecer as matérias como um todo fazer realmente parte de cada uma delas, assim nos ajudar aos outros educadores e aos nossos alunos. Para a interdisciplinaridade uma matéria deve dialogar uma com a outra.

Em relação aos benefícios da interdisciplinaridade, aspectos de uma melhor formação geral e profissional são apontados, bem como o seu incentivo à formação de novos pesquisadores e novas pesquisas. Logo, contribui para amenizar a relação dicotômica existente entre ensino e pesquisa, pois se apresenta como forma de compreender e modificar o mundo com diferentes olhares; olhares estes, habitados pela atitude interdisciplinar.

2.7 Interculturalidade

Para definirmos interculturalidade, é necessário compreendermos o significado de cultura, assim sabemos que é a transmissão de herança, tradição ou costumes de um grupo para o outro, ou seja, a transmissão de saberes cultural.

Podemos designar a cultura como tudo que recebemos de um ambiente social, portanto não podemos designá-la como singular e sim plural, pois não encontramos apenas uma e sim varias.

Nossa cultura não é única não é pura é mestiça e múltipla tudo que recebemos de nossas convivências é cultura. Cultura engloba nossas compreensões de mundo, aquilo que é trocado o que recebemos dos outros e o que aprendemos nada é mais significativo do que nos faz crer e não crer. Às vezes nos escorregamos em preconceitos, e isso é gerado pela própria cultura que recebemos. A pessoa muitas vezes determina-se de certas etnias “eu sou branca”, mas sempre ocorrem misturas, portando “não sou somente branca”. Cultura não é só externa e sim no modo em que pensamos também, para Fleuri, (2001, p. 8), a cultura pode ser entendida como herança social, ou tradição, que é transmitida de uma geração para outra.

Temos uma cultura carregada de preconceito e discriminação velada e explicitas. Vivemos em uma sociedade plural com diversas línguas e raças. Somos múltiplos e diversos, mas nem por isso desigual. Existe diversidade porque existem culturas diferentes e aprendemos com todas as pessoas a ser diferente. Devemos olhar para o outro e entender, compreender que é diferente, e não julgar o que ele não tem. (Fleuri, 2001).

Podemos dizer que na sociedade em que vivemos existe diversos tipos e formas de culturas, portando dessa forma, quando nos socializamos com outras pessoas, outros

grupos há a troca imergente de ideias, de costumes, de saberes, assim da o nome de interculturalidade, ou seja, a relação entre as culturas, a troca de culturas, assim como em nossa região fronteira temos nossa presente cultura, mas também recebemos cultura de nosso país vizinho, assim adquirindo costumes de outros grupos, realizando assim uma troca de culturas, o que para Vieira (2001, p. 120), o interculturalismo busca o dialogo entre as culturas. Assim, de certa forma quando há a interação entre as culturas há a troca de conhecimentos de ideias, que serão transpassadas de um grupo para outro.

Sem apropriar-se de padrões culturais vigentes em seu contexto, o individuo seria virtualmente incapaz de se orientar e mesmo de sobreviver em sociedade. (FLEURI, 2001, p. 11).

A interculturalidade exige de nos esforço ético, afetivo e intelectual, o que para Fleuri (2001, p. 138), intercultural indica uma situação em que pessoas de culturas diferentes interagem. É preciso compreender cada um em suas diferenças.

Vivemos em um mundo globalizado, então podemos logo distingui-lo como um mundo rodeado de culturas diferenciadas, de pensamentos, modo de agir, de ver diferentes, então podemos considerar que vivemos em um mundo considerado homogêneo. Devemos ensinar tendo em mente que vivemos em uma sociedade onde há a pluralidade de cultura. De acordo com Fleuri (2001), devemos pensar em educação levando em conta a pluralidade de culturas de nossas sociedades complexas.

3. ESCOLA DO CAMPO E ESCOLA URBANA: REALIDADES DIFERENTES

A Educação do Campo foi criada para atender as necessidades da população que vive no campo, independente da classe social, raça ou cor. Teve aumento da população no campo com a chegada do MST- Movimentos dos Trabalhadores sem Terra, que são povos que lutam por sua terra.

A escola do campo visa acabar com a migração campo-cidade, onde os camponeses deixavam a vida no campo para ir à cidade, em luta por uma vida melhor, a fim de encontrar meios de acabar com o analfabetismo na região.

A educação do campo esta sendo ignorada, marginalizada, segundo Arroyo (1999), e essa educação não deve ser vista deste modo, devemos mostrar que o campo existe e esta vivo. Muitos a conhece como educação de qualidade fraca de professores desqualificados, pois muitos são desvalorizados por trabalhar nessa área.

Quando nos referimos a Educação do Campo, podemos observar a escassez de dados e análises sobre o tema ate mesmo nas faculdades onde há a formação de professores, não possui dados, ouvimos dizer que a diversos problemas em questão a alfabetização no campo, talvez seja pela falta previa de informações, o esquecimento dessa população é preocupante, então como os profissionais não recebem orientações em sua formação acabam incorporando o mundo urbano no campo, nesse sentido não estamos excluindo a população urbana, mais sim talvez deixando claro de que o povo camponês precisa de um projeto para o campo.

O professor deve ter conhecimento do que é o campo antes de tudo, até mesmo antes de ter inicio a alfabetização, deve haver conhecimento de onde a criança vive analisar o seu contexto como um todo, estar ciente das necessidades da comunidade, assim estando a par sobre a cultura e os valores da região.

A maioria da população do campo esta fora das metas de melhoria de qualidade de vida, assim a população do campo deve lutar pelo seu lugar dentro da sociedade, para diminuir a exclusão e a desigualdade.

Quando dizemos educação do campo queremos nos referir a uma educação voltada aos trabalhadores do campo como um todo. Muitos se referem a esses trabalhadores como caipira, o que em cada região é conhecido de uma forma, que para nós significa “*habitantes do mato*”, e que também hoje são designados como “*sem-terras*” e “*assentados*”, o termo segundo o dicionário Aurélio, designa pessoas preguiçosas, incapazes, isso seria moradores do campo, pessoas que “ganham” terra do governo, então por esses “títulos” postos a eles podemos perceber a desvalorização deste povo.

Conforme os artigos 206 e 216 da Constituição Brasileira, e segundo Arroyo (1999), não bastam ter escolas *no* campo; quer-se ajudar a construir escolas *do* campo, ou seja, escolas com um projeto político-pedagógico vinculadas às causas, aos desafios, aos sonhos, a história e à cultura do povo trabalhador do campo.

A escola do campo é vista como diferente, nada mais justo, pois realmente é diferente, devemos pensar que o “diferente” não é discriminar, mas trata-los conforme sua realidade, isso é adaptar os conteúdos, os calendários e o material didático às condições de vida no campo.

Ouvimos falar tanto em formação continuada, mas será que a maioria dos professores tem a noção do que e para que serve? Muitos acham que ainda são os donos do saber, que alunos estão na sala de aula para ouvir e não tem se quer a chance de expressar seus conhecimentos, entendimentos. Mas, o que custa para o professor trazer para a sala de aula, aulas mais harmoniosas onde seus alunos participem, onde há a troca de saber, de experiências, muitos acham que o aluno só aprende sentado ouvindo, para eles isso não faz diferença no processo de aprendizagem, seria para eles mais prazeroso que os conteúdos fossem voltados para a realidade de cada um e que lhes proporcionam-se aulas dinâmicas onde eles também possam interagir.

A escola do campo pode ser considerada atrasada, de população esquecida, de povo diferente mais mesmo assim se tem valores, no campo há mais vagas de emprego do que na cidade e a taxa de violência é bem menor do que nas cidades. A educação pode ser precária mais o respeito é muito maior.

Desde os anos 1980, Arroyo (1999) cita que há uma busca de melhores condições de vida, então a maioria da população está no campo apenas para a produção, alguns se tem um espaço no campo apenas para passeio, outros para criação de lavoura, para criação de gado, mais não vivem nesse espaço, pois preferem morar em cidade e ter “uma

melhor condição de vida”. Para esses a vida no campo não esta mais adequada para moradia, pela falta de recurso, pela difícil acessibilidade, com isso a população camponesa vem diminuindo bastante.

A escola camponesa deve ter uma proposta especifica para essa região. Não queremos apenas conhecimentos importados de um modo de vida diferente. É importante cultivar e fazer com que o aluno compreenda sua própria identidade, ou seja, ensinar mediante a sua realidade. Pensar no campo, para muitos é uma forma de atraso, onde há só seres ignorantes, não se veem que a um modo de vida, um modo camponês é livre para expressar suas opiniões.

As escolas do campo levam educação para população que vive no meio rural. Portanto, o indivíduo tem direito de ser educado no lugar em que vive, sempre atendendo as dificuldades da população, portando enquanto a isso nada mais justo do que pensar na educação e no ambiente em que vivem.

As crianças que estudam nas escolas urbanas são consideradas como modernas repletas de tecnologia em sua volta, já as crianças do campo são consideradas atrasadas, sem recursos, sem tecnologias, essas pela falta de informação, pois possuem sim diversas tecnologias no plantar no colher, etc. Mas, se pensarmos que o campo não vive sem a cidade, e nem a cidade vive sem o campo, entendemos que, precisamos da carne, do arroz, do feijão, dos legumes que vem do campo. Assim, como precisamos das indústrias, das vestimentas, da tecnologia que vem da cidade para o campo, então, não se vive um sem o outro. E por que tanta discriminação? Essa discriminação foi construída pelas diferenças, por meio da historia cultural.

O pedagogo é o principal transformador na alfabetização do aluno, então deve contribuir para que a escola seja um espaço em que as disciplinas, a ética, a cidadania e principalmente o respeito estejam colocados em primeiro lugar.

Requer muito trabalho e principalmente conhecimento, pois lidar com as diversidades não é uma questão fácil, precisa-se de muito preparo, respeitar as diferenças é construir uma escola de igualdade.

O olhar/ação do(a) professor(a) é fundamental para o crescimento do(a) aluno(a), e ele não pode ser falso porque implica outras sensibilidades; o(a) outro(a) sente percebe, é influenciado por nós. Afinal, o(a) outro(a) e nós sentimos como todo o nosso corpo, com todos os nossos

sentimentos, com a pele com o toque, com o olhar,... (TRINDADE e SANTOS, 2002, p. 12).

Pensar em educação na região de fronteira é pensar sobre o multiculturalismo que existe, e pensar que devemos saber lidar com as diferenças tratando todos iguais. Portanto o pedagogo tem o papel de conduzir, orientar e ensinar, compreender cada indivíduo, pois a fronteira é um local onde o multiculturalismo esta presente e devemos respeitar cada um.

4. A PESQUISA: UM ESTUDO DE CASO ENTRE ESCOLA DO CAMPO E ESCOLA URBANA

Nesta seção vamos descrever a pesquisa de dados, assim começaremos contando sobre a história de nossa fronteira, logo em seguida, exemplificando o perfil das escolas e professores analisados, para assim dar-se resposta ao questionamento obtido: Há diferença para o pedagogo (a) no processo de alfabetização do 1º ano dos anos iniciais entre uma escola do campo e uma escola urbana?

A fronteira de acordo com Quintas (2006) ganhou impulso após a Guerra do Paraguai (1864- 1870), até então a região era apenas um local às margens de um lago no Paraguai, onde alguns viajantes e carreteiros paravam para repor suas energias.

Com o aumento da região, havia necessidade das autoridades se instalarem no local, então o local das três figueiras foi escolhido para ser o centro administrativo. Hoje atualmente localiza-se a Prefeitura de Ponta Porã. (QUINTAS, 2006).

Considerado o primeiro habitante da região, João Antonio Trindade, ex-combatente da guerra do Paraguai, fixou-se na região, e permaneceu até seu falecimento.

Nos anos de mil oitocentos e noventa e três, uma corrente migratória do Rio Grande do Sul chegou a Ponta Porã e contribuiu para o povoamento da região.

Com o crescimento da população, Julio Alfredo Mangini, constrói a primeira escola do município de Ponta Porã, em mil novecentos e um, até então as crianças estudavam em escolas paraguaias. (QUINTAS, 2006).

Em dezoito de junho de mil novecentos e doze, o governo do estado de Mato Grosso do Sul, Dr. Joaquim Augusto da Costa Marques, cria o município de Ponta Porã Tal data também é mantida como aniversário da cidade.

Conseguindo a permissão do então imperador Dom Pedro II, começa a exploração dos ervais. Exportavam erva para a Argentina. A sede da companhia ficava na fazenda Campanário, contavam com trezentos operários fixos, poucos falavam português devido a serem mais paraguaios e argentinos. (QUINTAS, 2006).

Em mil novecentos e dois, Francisco Mendes Gonçalves entra como principal sócio na companhia, que passa a se chamar Laranjeira Mendes e Cia.

Ponta Porã conta com a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) é um órgão do governo federal que é responsável pela sua identidade, educação, também atua na demarcação de terras indígenas. Hoje a FUNAI reconhece quatro áreas de terras indígenas em Ponta Porã. As aldeias Jatayvary, Kakouey, Pira Kuá, Guay- Viri e Guaranis/Kaiowá.

A fronteira seca entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero na verdade é um elo de união entre estas duas cidades. É comum encontrarmos brasileiros trabalhando no comércio paraguaio e paraguaios trabalhando em território brasileiro. (QUINTAS, 2006, p.60).

Atualmente o município de Ponta Porã conta com cerca de 70.000 habitantes. Esse é o resultado de uma intensa miscigenação que se iniciou com a exploração dos ervais e com a corrente migratória gaúcha.

A educação no município divide-se em três redes de ensino: municipal, estadual e privada. A educação municipal segundo Quintas (2006) possui um total de dezoito escolas, no perímetro urbano, e sete escolas, na zona rural. Além dessas escolas, a secretaria Municipal de Educação, fornece transporte escolar gratuito até as escolas localizadas no perímetro urbano, oportunizando assim conforto e segurança aos estudantes.

Moramos numa fronteira, por isso pertencemos a uma diversidade muito grande de culturas e raças. Temos uma cultura carregada de preconceitos e discriminações veladas e explícitas. Estamos vivendo em uma sociedade com diversas línguas e raças, somos múltiplos e diversos, mas nem por isso somos desiguais, mantemos nossa cultura, mas não é por isso que não aceitaremos a cultura do próximo.

O multiculturalismo é o reconhecimento das diferentes raças e culturas, a escola é o local onde mais se discute sobre as diversidades, pois onde mais notamos esta diversidade é nas escolas, por isso nos futuros professores devemos aprender a lidar com tal diversidade, para que possamos atender a todos nossos alunos de uma mesma forma. Multiculturalismo crítico sobre a alfabetização implica abraçarmos um projeto de emancipação dos sujeitos alfabetizando, pensando na alfabetização como projeto político que visa colaborar na construção da cidadania multicultural e híbrida.

O professor inclusivo precisa ter uma clara preocupação do caminho que terá que percorrer para conseguir alcançar seus objetivos, ele tem que ser responsável para garantir a educação a todos, não se preocupando apenas na transmissão de conhecimento, mas também o afeto, o calor humano e oferecer uma escola e ensino de qualidade.

Moramos em uma sociedade totalmente multicultural, porque é uma fronteira, e nela transitam várias culturas e nossas escolas recebem essa diversidade com os alunos. Freire (1999), diz que a fronteira é uma:

Cortina transparente separando duas nações e confraternizando dois povos; Raia onde começa países e terminam pátrias. Fronteira é Portal de Entrada, é Sala de visitas, é Prática Diplomática, é Saída de Emergência, é Porão, mas também é onde começa e termina a pátria, e onde dois povos se entendem e aprendem a viver sem fronteiras, lutando por um mundo melhor onde os homens se fazem amigos. (FREIRE, 1999, p. 129).

Dessa maneira a fronteira de qual falamos, é onde “povos se entendem e aprendem a viver sem fronteiras”, onde há troca e diálogo com suas diferenças. Podemos assim designar que ensinar mediante as diferenças para nos é um grande desafio, pois é importante conhecermos antes de tudo a cultura de cada criança.

4.1 Caminhos Percorridos

Duas escolas foram selecionadas para estudo de caso. **A** Escola Estadual João Brembatti Calvoso aqui denominada como escola **A**; e Escola Estadual Nova Itamarati, denominada como escola **B**. Para a coleta de dados, realizei uma leitura e análise das Propostas Pedagógicas das mesmas.

A escola **A** esta localizada na região urbana no município de Ponta Porã. Suas aulas nesta escola tiveram início no ano de 1979, oferecendo assim o ensino de 1º à 8º séries, antigo 1º grau, com 1.165 alunos matriculados.

Figura 1**Fachada da Escola Estadual João Brembatti Calvoso**

Fonte: Arquivo pessoal

Seu nome João Brembatti Calvos, foi dado em homenagem a um professor, criador do 1º ginásio em Ponta Porã. (PPP, 2012).

Devido à localização da escola e sua proximidade a vários bairros da periferia e do centro da cidade, bem como dos limites da linha fronteira com o Paraguai, ela atende alunos de diferentes classes sociais e culturais. Também a uma grande procura de vagas por alunos, tanto de nosso país como do país vizinho Paraguai.

Atualmente a escola conta com 1.728 alunos matriculados. Sendo 7% dos alunos descendentes de paraguaios, conforme dados do PPP (2012). Muitos ainda residem no país vizinho, o que aumenta o índice de alunos bilíngues na escola, isso dificulta o processo de alfabetização e o aprendizado da língua portuguesa.

Desde 2008 a escola passou a contar com o Programa Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira, um projeto do MEC- Ministério da Educação e Cultura e do IPOL- Instituto de Investigação e Política Linguística. Este projeto foi desenvolvido com a parceria com a escola Generación de la Paz da cidade de Pedro Juan Caballero, assim valorizando as identidades culturais dos alunos e exige refletir sobre o método utilizado em alfabetizar.(PPP, 2012, p. 4).

Com isso pode-se ter um novo olhar, sobre a escola e a sua identidade como uma escola fronteiriça. Podendo trazer a cultura desses alunos para dentro da sua sala de aula. Propiciando assim, respeito ao próximo por meio de uma boa convivência.

Escola **B** está localizada, no Assentamento Itamarati II antiga SEDE, na rodovia MS-A64 –km 50, zona rural.

Figura II

Fachada da Escola Estadual Nova Itamarati



Fonte: Arquivo pessoal

Atende uma clientela com uma diversidade cultural, proveniente de agricultores, pessoas de outros assentamentos, filhos de comerciantes e funcionários públicos.

A escola **B** iniciou sua atividade escolar em 1975, sob o nome Escola Rural Itamarati, localizada na sede da Fazenda Itamarati Agropecuária. Em 1979 até 1982 a escola oferecia a 1ª a 2ª séries, sendo as turmas de 5ª a 8ª séries criadas somente em 1981. O restante de 1º e 2º graus ficava na extensão da Escola Estadual Adê Marques, no município de Ponta Porã. A partir de 2005, com a vinda de vários assentados devido a reforma agrária, a escola passou a se chamar Escola Estadual Nova Itamarati. Como uma grande demanda de alunos e a escola não comportava, então, teve que ocupar salas improvisadas. Em 2008 começou o processo de ampliação da escola.

A escola **B** atende o Ensino Fundamental e Médio. Têm como objetivo facilitar o acesso à educação de qualidade, vencer o analfabetismo, formar integralmente o

educando do campo. Por meio, dos conhecimentos historicamente acumulados, articulando o ensino com a produção e a preservação cultural de seus saberes camponeses, da luta pela terra, e por uma escola melhor.

4.2 Perfis dos entrevistados

Professora **C** tem 53 anos, possui formação em Pedagogia, com duração de seis anos, interativa. É denominada como professora **C** para identificá-la como professora da Escola do Campo nomeada como escola **B** na pesquisa.

Professora **U** tem 29 anos, possui a formação em Normal Superior em Séries Iniciais UEMS. É denominada como professora **U** para identifica-la como professora da Escola Urbana, designada como escola **A** na presente pesquisa.

4.3 Interpretações de dados coletados

Após estudos realizados por meio das entrevistas apresentamos as análises das respostas no corpo do texto em itálico com espaçamento simples e recuo 2 cm para diferenciar das citações dos autores.

Já participou de cursos para obter a formação continuada? Consegue trazer os conhecimentos das reuniões dos cursos para sua sala?

Professora C: Vários, tem um da inclusão social também que é da formação continuada, assim e fora outros que agente vai assim quando sabe né. Sim, eu desenvolvo todas. É que é tudo apostilado né ai tem como você acompanhar a apostila e por em pratica na aula, e é uma aula diferenciada da, das que agente normalmente faz.

Professora U: Sim, letramento, letramento e matemática, bilíngue. Alguns sim. Mudando né a metodologia colocando em pratica a maneira que eles ensinaram la a atividade diferenciada, esses tipos de coisas.

As entrevistadas **C** e **U** participam de cursos para obtenção de formação continuada, tendo a diferença que a professora **C** participa mais de cursos sobre a

inclusão social e a professora **U** participa de cursos dentro de sua área a alfabetização. Foi observado que presentes professoras trazem isso para dentro de sua sala de aula do modo que a professora **C** repassa o seu conhecimento para seus alunos. Já a professora **U** com os cursos de formação continuada consegue mudar a sua metodologia, assim coloca em pratica tudo que é repassado nos cursos dentro de sua sala de aula. Para Guimarães (2004), a formação continuada do professor deve ser colocada sob melhoria da pratica da qualidade de ensino, além disso, melhorando sua vida profissional.

Sua sala é multicultural? Como você lida com isso?

Professora C: Ela é, bastante. Olha os brasiguaios, isso, então né usam ate outro idioma né que é o espanhol e escrevem também em espanhol então, se perdem um pouquinho, mas né com o tempo agente consegue entender a escrita deles e a fala, ai no dia a dia né agente vai aprendendo com eles. Eu, tento assim quando é palavra que eu não consigo entender que eles escreveram eu peço em um outro momento, em um outro dia eu peço pra eles retornarem escrever d novo, ai eu peço auxilio né, a pedagoga assim, que é a coordenadora né, busco auxilio pra entender aquilo lá.

Professora U: Sim, tenho muito alunos do Paraguai que ai trataria o bilíngue, que é a maneira de você alfabetizar sem que ele perca a cultura da família né ser alfabetizado na nossa língua, permanecendo com a língua dele, sem constrangimento. Existe bastante dificuldade, algumas coisas de la não são as mesmas daqui né que nem o abacaxi aqui, que la é piña então é bem diferente, e ai os pais não falam o português em casa só o castelhano e o guarani ai ele vem pra escola e não consegue aprender o conteúdo. Com os aluninhos que tem a dificuldade de entender ate de falar que na hora de falar trocam o V a letra S, tem dificuldade no letramento eu trago para eles atividades que mostram o concreto que eles ligam a figura à escrita, com o meu 1º aninho né, ligar a figura e a escrita e eu vou trabalhando o som eu tento trabalhar figura som e escrita.

Na sala da professora **C** tem 28 alunos, e segundo ela é bastante multicultural, onde contem muitos brasiguaios, o que afeta a aprendizagem pelo fato da escrita. A professora **U** tem 26 alunos, e sua sala também e multicultural, pois recebe muitos alunos do Paraguai, é segundo ela é bastante dificultoso trabalhar com isso, pois ela busca ensinar sem que eles percam a sua língua materna. Segundo Machado (2007), ao falar de multiculturalismo é necessário que dê visibilidade as diferenças étnicas, sexuais,

regionais, etc. Portanto, fica claro que não devemos observar somente o bilíngue dentro da sala de aula, mas sim as diferenças como um todo.

O que é alfabetização? Qual método é utilizado para alfabetizar seus alunos?

Professora C: Olha alfabetização é o conhecimento das letras dos símbolos é do mundo letrado, é isso, é entender isso. Eu uso o método, há esse que veio agora né, que é o além das palavras né, estou praticando eles e tenho os livros, tenho os manuais, tudinho né pra gente seguir, daí vou pesquisar na internet coisas diferentes né dentro daquele tema e trago para aplicar na sala.

Professora U: Alfabetização, é quando a criança ele entende que ler e escrever não é só na sala de aula, alfabetização é do mundo, alfabetização seria o letramento né, ler e entender né, compreender fazer interpretação não ler por ler, ler só roboticamente. Bem agora aqui nessa escola, esta sendo trabalhada a metodologia do bilíngue, então é uma metodologia diferenciada, criança tem que trazer o conhecimento, pra sala de aula então eu tenho que aproximar em cima do que eles sabem. De acordo com a curiosidade deles eu vou me aprofundando, eu me adequo a metodologia do projeto.

Para a professora **C** a alfabetização é o conhecimento das letras dos símbolos, do mundo letrado, o que de certa maneira ela entende como Soares (2007), é o processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita. Já para a professora **U** a alfabetização é quando a criança entende que ler e escrever, não é utilizado somente dentro da sala de aula. O método que a professora **U** utiliza é diferente, pois trabalham com o projeto Bilíngue, que é uma metodologia diferenciada, onde seus alunos aprendem trazendo o conteúdo para dentro da sala de aula, então a professora **U** ensina mediante a curiosidade de seus alunos, se adéqua mediante o projeto, o que para Soares (2007), o processo de língua materna, é um processo permanente, nunca interrompido, mas precisamos diferenciar o processo de aquisição de língua oral e língua escrita e desenvolver o processo de cada uma que de certa forma esse sim nunca será interrompido. Portanto, não devemos alfabetizar fazendo com que nossos alunos percam a língua materna deles, pois isso pertence a sua cultura e não podemos simplesmente excluir da vida de nossos alunos.

Existem diferenças entre classes sociais dentro de sua sala? Isso interfere na aprendizagem?

Professora C: Sim existe. Sim bastante. É material didático é mais fácil de se conseguir tem mais apoio pedagógico e o ambiente escolar, e ate na casa, por que o eu estou na biblioteca não é minha sala de aula, mas devido ao tempo caiu o telhado, então estragou bastante a minha sala, daí ei tive de vir pra ca e eu estou me adaptando ao meio, então eles ficam dispersos porque estão sentados sempre em grupos como você viu aqui tem 5 em cada mesa eles conversam muito, mas na medida do possível to tentando acostumar aqui ate arrumar a sala.

Professora U: Existe né. Eu acredito que não, não classe social não interfere na aprendizagem, é a educação que cada pai da para seu filho, sabe não é por que é mais rico ou mais pobre eu acho que é a família a educação em casa.

Nas presentes salas segundo as professoras existe diferença entre classes sociais, mas para professora C isso interfere na aprendizagem, pelo fato que quem tem mais poder aquisitivo ajuda mais seus filhos o que a professora C confundiu-se com a questão, com sala, espaço e lugar. Já para professora U isso não interfere na aprendizagem, pois ela trata todos seus alunos iguais independente de classe social. Portanto segundo Soares (2007) há sim uma diferença entre as classes sociais que influenciam na alfabetização, pois aqueles que os pais possuem mais tempo e também conhecimento são aqueles que mais ajudam seus filhos, passando-lhes conhecimentos, ajudando em seu processo de aquisição da linguagem oral como também da linguagem escrita, e esses pais na maioria dos casos pertencem a classes sociais altas e medias, assim muitas das vezes levando ao fracasso das crianças das classes populares.

Podemos acreditar que o que vem de casa influencia na alfabetização do aluno?

Professora C: Sim, bastante. Por que tem aluno aqui que falam palavrão e isso vem da família, ne tem alunos aqui que também tem o costume de pegar material dos outros isso vem da formação da família que ensina corretamente que ensine a não mexer no que não é dele, então isso influência.

Professora U: Com certeza, acredito que quando o pai esta junto com a escola, que ele se preocupe com o filho, quando senta pra fazer uma tarefa

junto, quando busca estar junto quando ele cuida do filho na questão da escola sabe que ele educa, nossa a família é essencial, tanto que hoje em dia as famílias abandonaram os filhos.

A professora **C** acredita que o que vem de casa influencia e muito na alfabetização do aluno, pois muitos deles vêm para a escola falando palavrões, e muitos tem o costume de levar para casa pertences que não são deles, o que para ela vem da educação recebida dentro da própria casa, o que podemos designar uma falta de interesse pela cultura do próximo. Mas segundo a professora **U**, acredita que é de extrema importância a ajuda da família, quando o pai esta sempre presente na vida escolar do filho, quando ajuda na tarefa. Dentro da sala de aula, a professora **C** disse que procura educar eles, tirar o “vicio da família”, de não querer emprestar, de ajudar sempre os colegas. Já a professora **U** disse que trata seus alunos como um todo, não tem olhos para diferença.

Como você lida com as diferenças dentro da sala de aula, na questão cultural, social? E quais são as suas estratégias?

Professora C: Então eu procuro educar eles, eles vem com o vicio da família e querem assim, é um aluno que ta bem arrumadinho tem todos os materialzinhos e o outro não tem eu procuro incentivar em emprestar pra quem não tem e compartilhar um pouco com aquele que não tem, ai eu tento passar isso pra ele que agente deve ajudar o próximo, deve dividir com as outras pessoas então é isso eu tento passar isso pra eles.

Professora U: Meus alunos pra mim são um só eu não tenho olhos pra classe social quem é mais rico quem é mais pobre esses tipos de coisas, então eu faço a parte da moralidade da família trabalhar o papel de um cidadão ensinar eles a dividir, a falar correto a não agredir o coleguinha, meus alunos pra mim é um todo.

A professora **C** acredita que sua cultura seja melhor do que a de seus alunos então quer mudar os conceitos, os modos de pensar de seus alunos. A professora **U** ressalta que trata todos seus alunos da mesma forma o que segundo Machado (2007), não devemos tratar todos nossos alunos da mesma forma, pois cada um possui suas diferenças, todos os alunos têm seu tempo e modo de aprender. O que Fleuri (2001), ressalta que pessoas de grupos diferentes devem ser tratadas de diferentes maneiras.

Já lecionou em escola urbana? Há diferença?

Professora C: sim. Há bastante, é no caso, eu vim de Dourados né, e lá eu dava aula na escola Adventista, então tinha todo o material pedagógico, todos, todos que agente precisava, tinha ali em mãos, agora assim na escola pública, não tem todos os materiais, então tem que se adaptar ao meio, ao que tem no momento, e buscando né trabalhar com aquilo que tem que oferecem pra você ali no momento.

A presente professora teve dificuldade em responder tal questão, portanto a pergunta quis ser reafirmada a escola urbana pública, pois se fomos comparar com escola particular realmente haverá uma grande diferença.

Você acha que a educação pode melhorar? Como?

Professora C: sim. Ela pode melhorar se tiver um apoio um apoio assim, tanto do diretor como pessoas que tem o poder aquisitivo alto, os governadores, por que não o deputado né, para ajudar nos que moramos aqui no campo então agente tem que acostumar ao que tem aqui no momento, com que é oferecido aqui, mas educação do campo ela pode melhorar muito se tiver apoio.

Professora U: Eu acredito que a família e o governo realmente se dedicassem ela pode melhorar, mas se as famílias não olharem para os seus filhos agora eu acredito que daqui a algum tempo ninguém vai querer ser professor, então é uma preocupação do governo e da família, mas também o professor tem que buscar não ficar na mesmice.

As duas professoras entrevistadas acreditam que a educação pode ter uma melhora significativa, mas isso não aconteceu se não tivermos o apoio necessário tanto dos pais, da família presente dentro da sala de aula como da política.

Já leu sobre as diretrizes da educação do campo? Que metodologia ela apresenta para alfabetização?

Professora C: Já, olha ela se espelha muito em Paulo Freire, e Paulo Freire, ele trabalhou muito com o tema gerador e o conhecimento de mundo e é isso

que a educação do campo quer ela quer que agente trabalhe a educação do mundo, no mundo em que agente vive o que é oferecido naquele mundo, trabalhar com um tema gerador, envolve muitas coisas, então se torna fácil você trabalha uma aula diferenciada com a realidade dos alunos, o que você pode pesquisar pra que eles tragam de casa o que tenha aquele tema, por exemplo, como você viu hoje nos trabalhamos a moeda né ta no livro didático a moeda, mas eu pedi pra que eles trouxessem balas pra gente fazer a cantina como você viu aqui eles trouxeram bolo, então eles trouxeram e muitas mães ajudaram fizeram bolo né e mandaram eles trazer então devemos trabalhar com o que é oferecido com o que tem. A educação do campo é isso mostrando a realidade, então isso é a educação do campo, trabalhar com o que é oferecido no meio.

A presente professora ressalta que a diretriz curricular da educação do campo baseia-se em Paulo Freire, o que na realidade não acontece, pois Paulo Freire é referido na questão da alfabetização de Educação de adultos.

4.4 Análises das observações de Escola do Campo e Escola Urbana

Na escola do campo a entrada com minha apresentação para a turma. Na sala continha vinte alunos. A professora estava montando uma “cantina dos centavos”, com a ajuda de toda a turma. Segundo a professora suas aulas costumam ser interdisciplinar, o que esta era mais uma delas, onde iria envolver ciências, matemática e geografia. Assim foram entregues livros de matemática para cada aluno, para que eles recortassem as moedas contidas na ultima pagina do livro didático, pude notar certa dificuldade na falta de tesouras, pois apenas três alunos tinham então ouve um pequeno atraso para que pudessem recortar as moedas. Para aqueles que estavam terminando o recorte à professora entregava-lhes um livro de musicas e pedia para que eles fossem lendo a musica a ser cantada após o termino da atividade. Enquanto isso a professora organizava a cantina, que nela continha balas chicletes, salgadinho, bombom, pipoca, bolo e sanduiche. Desta maneira a professora colocou os preços de \$0,5 centavos até \$1,00.

Com a maioria das moedas recortadas a professora trouxe o som para a sala de aula inserindo assim o CD com a musica “A formiguinha da roça”, o que segundo ela

estava utilizando a aula de ciências, então fez uma roda juntamente com as crianças para cantarem a musica juntos. Logo após ela pediu para que os alunos sentassem cada um em sua carteira, assim foi entregue uma casa para que realizassem a dobradura, que representava a casa da formiguinha, assim segundo a professora estava utilizando a disciplina de geografia.

Logo após fomos para o refeitório com as crianças para lanchar. Na volta para a sala a professora escolheu, duas meninas e um menino, que segundo ela eram os mais aplicados, esses foram postos como os vendedores da cantina, assim a turma fez uma fila primeiramente para comprar os produtos de \$0,5 centavos, depois de \$0,10 centavos e assim por diante, depois que gastaram todo o seu dinheiro eles puderam se deliciar com as guloseimas. Pude perceber que esta aula foi planejada apenas pela minha presença, pois os alunos não sabiam diferenciar as moedas.

Na escola urbana a aula começa com a minha apresentação para a turma, à sala estava com 27 crianças. A professora entregou uma tela xerocopiada de Romero Brito, onde nela continha um gato, então pediu para que eles o colorissem. Enquanto eles pintavam o desenho pude conversar com a professora onde percebi que a metodologia utilizada é totalmente diferente da metodologia utilizada na escola do campo, pois a professora trabalha em cima de perguntas criadas por eles, como por exemplo, estava trabalhando o gato, então com a pergunta: Por que os gatos machucam a gente? A partir dessa pergunta a professora trabalharia com diversas atividades e em todas as disciplinas utilizando o gato, assim como a língua portuguesa, GA-TO: GA-GE-GI-GO-GU. Como também na disciplina de geografia, conhecer o habitat do gato, como e onde ele vive. Portanto a alfabetização destas crianças é em cima da vida dos animais, ate mesmo o alfabeto é representado por animais. Então a professora aplicou uma atividade para que colassem em seu caderno e respondessem, assim pude perceber que as crianças estão bem “adiantadas” do que as do campo, a grande maioria escreve perfeitamente e realiza a leitura perfeitamente.

Nota-se que há diferença entre a alfabetização de uma Escola do Campo e uma Escola Urbana, pois a escola do campo usa o método diferente da escola do campo, método esse que podemos designar como tradicional, já a escola urbana utiliza o método do projeto Bilíngue um projeto que a escola participa, onde alfabetizam seus alunos sem que eles percam sua língua materna, mediante as duvidas compostas por seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Começamos a construção deste trabalho desde o primeiro ano do curso superior, mediante a disciplina aplicada ao curso chamada PPI- Projeto de Pesquisa Interdisciplinar, do qual obtia a pergunta: *Qual o papel do pedagogo frente a multiculturalidade reinante na região de fronteira?* Onde contribui para que a escola seja um espaço em que as disciplinas, a ética, a cidadania e principalmente o respeito estejam colocados em primeiro lugar, assim requer certo trabalho e principalmente conhecimento, pois lidar com as diversidades não é uma questão fácil, precisa de muito preparo, respeitar as diferenças para assim construir uma escola de igualdade. Esta pergunta de certa forma nos auxiliou para a construção do TCC- Trabalho de Conclusão de Curso, dessa forma obtive a pergunta: *Há diferença para o pedagogo (a) no processo de alfabetização do 1º ano dos anos iniciais entre uma escola do campo e uma escola urbana?*

Assim iniciei esse trabalho contando um pouco sobre a minha experiência de vida no campo. Logo após, começamos há analisar um pouco sobre as ideias dos autores utilizados no decorrer do trabalho, para assim termos um apoio teórico mediante o estudo de caso.

Esta pesquisa foi realizada mediante estudos de Lüdke e Andre (1986) a qual denominamos como pesquisa qualitativa, onde realizei estudo de casos, observações, análise de dados e entrevista. No primeiro momento me apresentei a instituição de ensino Escola Municipal Isac Borges Capilé, onde esta escola seria denominada como escola urbana em minha pesquisa, assim ouve a apresentação, conversa com o diretor, e docente do primeiro ano do ensino fundamental, onde não aceitou o processo da entrevista, assim alegando falta de tempo, e muitos alunos na sala de aula. Desta forma, com essa falta de informação logo nota-se que a pesquisa estaria incompleta, então me dirigi até a escola Estadual João Brembatti Calvoso, onde me apresentei e conversei com a professora docente do primeiro ano do ensino fundamental, fui muito bem acolhida por todos os componentes da instituição. Nesta escola realizei a análise de dados, observações e entrevista, pude notar uma grande multiculturalidade dentro da instituição de ensino.

As análises da escola do campo foram realizadas na instituição Escola Estadual Nova Itamarati, onde me apresentei como acadêmica do curso de Pedagogia, pedindo permissão para observar e analisar a presente escola. Fui bem recebida por todos. A escola é de uma estatura muito grande, pois compõe alunos de toda a redondeza.

Assim após as análises dos dados, pude obter o presente resultado: há sim diferença entre a alfabetização de uma escola urbana e uma escola do campo. Com a interpretação dos dados pude observar que os docentes possuem saberes diferentes. A forma de alfabetizar entre as duas docentes é diferente, pois, a professora da escola do campo ensina no método tradicional, alfabetizando letrando seus alunos, onde suas aulas são interdisciplinares. Já a professora da escola urbana alfabetiza seus alunos mediante a um projeto Bilíngue realizado pela escola da qual ensina seus alunos mediante a curiosidade deles, usando assim sempre os animais como exemplo para ensinar seus alunos, e acredita que pode sim ensinar sem que percam suas culturas, sua língua materna.

O presente trabalho pode mostrar um pouco sobre a realidade da alfabetização de uma escola do campo, uma cultura silenciada sem muito valor, e que para muitos são rotulados como “caipira”, “bicho do mato”, queria um dia poder encontrar varias pessoas que estejam dispostas a mudar esta realidade de nossas escolas do campo, fazer com que esta cultura esquecida tenha possibilidade de mudanças.

Talvez possa chegar com uma boa intenção de mudança de realidade, mudar uma escola esquecida e desvalorizada, a escola do campo, mas também posso ter a certeza de que “Uma andorinha não faz verão”, por isso tenhamos em mente com muito carinho, pois este povo precisa de um pouco mais de atenção e colaboração que este povo seja vistos como “gente”, assim como o povo urbano, que a igualdade seja prioridade que não tenhamos dó, que não tenhamos pena, que não os trate como “coitadinhos”, mas sim como seres humanos que precisam e muito de uma educação de qualidade.

O desejo maior é que o povo brasileiro possa ser incluído, para que assim diminua-se a desigualdade. Precisamos ser considerados como gente, e fazer uma nova historia, quando digo “tratados como gente” quero dizer que precisam ser tratados com respeito, como seres humanos, que tem necessidades em aprender, que tem suas culturas, seus valores, pensar com ética com moral.

Ate agora constatamos o esforço nem sempre alcançando da educação, mas existe um problema, pessoas que entram em uma universidade não por gostar, mas pela

necessidade do mercado, para muitas pessoas não é um problema, mas quando escolhemos algo devemos nos realizar como pessoa e cidadão.

Ao final deste trabalho não poderíamos deixar de considerar aquilo que mais chamou a atenção ao confrontar as duas escolas, a forma dos professores aplicarem suas aulas. Assim desta maneira podemos perceber que cada docente tem suas formas e princípios para aplicarem suas aulas.

Desta forma podemos concluir neste trabalho que existe sim uma diferença entre a alfabetização de uma escola do campo e uma escola urbana. O que queremos é muito mais do que isso, e sim uma educação voltada para o campo, com saberes do campo, valorizando assim a população camponesa, aplicando mais recursos para cursos, onde os alunos possam aprimorar seus conhecimentos para que haja a melhoria de vida da população do campo. Uma vez que a educação do campo esta deixando a desejar quanto aos saberes do campo e a valorização do saberes tidos como universais.

É necessária essa valorização de saberes na alfabetização para que não haja a evasão de jovens camponeses para as cidades, e sim a melhoria de vida no meio em que se vive, para eles possam ter conhecimentos para as lutas diárias de diversas maneiras na conquista da vida do campo para a região.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2ª edição, Moderna. São Paulo: 1993.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. Moderna, São Paulo: 1989.
- ARROYO, Miguel. **Por uma educação do campo**. São Paulo: 1999.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação** 1º Ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- FAZENDA, Ivani C. Arantes, **interdisciplinaridade História, teoria e Pesquisa**. Papirus, Campinas: 2008.
- FLEURI, Reinaldo Matias, Intercultura. 1ª Ed. Unijuí conosco. São Paulo: 2001
- FREIRE, João Portela, 1ºed. **Terra, Gente e Fronteira**, Ponta Porã: 1999.
- GHIRALDELLI, Junior, Paulo. **O que é pedagogia** 4º Ed. Brasiliense, São Paulo: 2007.
- GUIMARÃES, Valter Soares. Formação de professores, saberes, identidade e profissão. São Paulo: 2004.
- LIBÂNIO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática** 5ª edição Editora alternativa, São Paulo: 2004.
- LUDKE, Menga. ANDRE, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- PONTA PORÃ, **Projeto Político Pedagógico** – Escola Estadual João Brebatti Calvoso, 2012.
- PONTA PORÃ, **Projeto Político Pedagógico** – Escola Estadual Nova Itamarati, 2012.
- QUINTAS, José Manoel Richard, Ponta Porã em Foco. 2º Ed. Ponta Porã: 2006.
- SANTO, Ruy Cezar do Espírito, **Autoconhecimento na Formação do Educador**. São Paulo: 2007.
- SILVA, Tomaz Tadeu. **Alienígenas na sala de aula**. 1º Ed. São Paulo: 1995.
- SOARES, Magda, **Alfabetização e letramento**. Moderna, São Paulo: 2003.

TRINDADE, Azoilda Loreto, SANTOS, Rafael. **Multiculturalismo mil e uma faces na escola** 3º ed. São Paulo: 2002.

http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2008/rceb002_08.pdf acesso em 10 de nov de 2013.

<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/EducCampo01.pdf> acesso em 10 de nov de 2013.